

# VARIAÇÃO INTER- E INTRA-DIALETAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM PROBLEMA PARA A TEORIA FONOLÓGICA

Seung-Hwa LEE & Marco A. de OLIVEIRA  
Universidade Federal de Minas Gerais

## 1 Introdução

O português brasileiro se afastou, do ponto de vista fonológico, do português europeu (PE) em muitos aspectos. No vocalismo pretônico, por exemplo, o português brasileiro (PB) aboliu a distinção que se faz em Portugal entre vogais fechadas e abertas (Teyssier, 1984:82). Assim, para a distinção que se faz no PE entre pr[ə]gar (um sermão) e pr[ɛ]gar (um prego), os dialetos do PB apresentam pr[ɛ]gar (sermão/prego) ou pr[e]gar (sermão/prego). O mesmo acontece na série das pretônicas médias posteriores, que o PE distingue, como em m[u]rar e c[ɔ]rar, e que nos dialetos do PB aparecem como m[o]rar/c[o]rar ou m[ɔ]rar/c[ɔ]rar.

Costuma-se dizer que os dialetos do PB podem ser divididos em dois grandes grupos, o do norte e o do centro-sul, por uma linha que corta o Brasil desde o sul da Bahia, na foz do rio Mucuri, até o Mato Grosso. Os dialetos do norte se caracterizariam pelas vogais pretônicas médias de timbre aberto, que representaremos daqui por diante por **O** e **E**, enquanto que os dialetos do centro-sul se caracterizariam por apresentarem, para essas mesmas vogais, um timbre fechado, que caracterizaremos daqui por diante por **o** e **e**. Mas a situação não é tão simples assim. A realidade é que nos dois grandes grupos dialetais podemos ter [ O ~ o ~ u ] e [ E ~ e ~ i ], em posição pretônica. De início é preciso distinguir, portanto, entre a variação interdialetoal e a variação intradialetoal. No restante deste artigo estaremos nos referindo aos dois casos. Conforme se verá, uma teoria fonológica pode acomodar, com certo conforto, a variação interdialetoal mas terá problemas para lidar com a variação intradialetoal. Tomemos como exemplo alguns dados fornecidos por uma informante paulista, de Jales, conforme em (1) abaixo:

- (1) a- repolho, remédio, cerveja, relógio, menino ( [e], \*[E], \*[i] )  
b- fofoca, comércio, comida, coragem, cozinha ( [o], \*[O], \*[u] )

O que os dados de (1) sugerem é que no dialeto paulista, como de resto nos demais dialetos do sul do Brasil, os vogais pretônicas médias são neutralizadas, obrigatoriamente, em [e]/[o], não sendo permitida a neutralização com timbre aberto nem seu alçamento para vogal alta.

Já no dialeto de Salvador, conforme dados fornecidos por um falante nativo desta cidade, temos, para os mesmos casos de (1), as pronúncias em (2)

- (2) a- repolho, remédio, cerveja, relógio ( [E], \*[e], \*[i] )  
b- menino ( [i], \*[E], \*[e] )  
c- fofoca, comércio, coragem ( [O], \*[o], \*[u] )  
d- comida, cozinha ( [u], \*[O], \*[o] )

Os dados de (2a) e (2c) mostram que no dialeto de Salvador as vogais médias pretônicas são neutralizadas em [E]/[O]. Contudo, se a vogal tônica seguinte for /i/, a média pretônica pode passar a alta por um processo de harmonia vocálica, como em (2b) e (2d). Mas os dados de (2e) (2) e- p[u]llicial, g[u]verno e c[u]meu

mostram que o alçamento da vogal média posterior pretônica pode se dar, também, sem que a ela se siga uma vogal tônica alta na sílaba seguinte. Esses dados nos permitem prever um processo de redução vocálica para a vogal média posterior pretônica.

Note-se, no entanto, que o processo de harmonia vocálica no dialeto de Salvador admite considerável variação: ao lado dos casos de (2b) e (2d) encontramos os casos de (2f)

- (2) f- v[E]rdura, r[E]vista, pr[O]fundo, p[O]stura.

nos quais, apesar da presença da vogal tônica alta, prevalece a neutralização. Portanto, temos no dialeto de Salvador um conflito entre três processos que podem atingir as vogais médias pretônicas: Neutralização em [E]/[O], Harmonia Vocálica e Redução Vocálica para [i]/[u]. Como as vogais pretônicas médias fechadas, [e]/[o] inexistem nesse dialeto, podemos caracterizar a variação interdialetoal através do processo de neutralização: neutralização na forma aberta (Norte) vs neutralização na forma fechada (Centro-Sul).

Vejamos agora o que ocorre no dialeto de Belo Horizonte, onde a situação é ainda diferente. Considerem-se os dados de (3), a seguir:

- (3) pOtoca, coragem e cumida  
pEreba, repolho e simestre

Ns dados de (3), uma pronúncia exclui a outra: assim, para *potoca* temos [O] e as outras possibilidades simplesmente não ocorrem (\*[o] e \*[u]); em *coragem* só temos [o] (sendo as outras duas pronúncias impossíveis, \*[u] e \*[O]); e em *comida* temos [u] (mas não \*[O] ou \*[o]). Na série das anteriores os fenômenos se repetem: *pereba* ([E], \*[e], \*[i]); *repolho* ([e], \*[E], \*[i]) e *semestre* ([i], \*[E], \*[e]).

A pergunta que se levanta aqui é: que fatores podem estar controlando a distribuição das várias possibilidades em (3)? Consideremos, primeiramente, os dados de (4)

- (4) a- pErErÉca, mElÉca, rEmÉdio, rEmÉla  
b- cOcÓta, fOfÓca, bOdÓque, mOtÓca, cOlÉga, cOlÉgio

Em (4a) e (4b) a vogal pretônica média de timbre aberto parece ser um caso claro de harmonia vocálica, condicionada pela presença de uma vogal tônica aberta. Se Observarmos, agora, os casos de (4c) e (4d) veremos que esta mesma harmonia ocorre entre a vogal média pretônica fechada e a vogal média tônica fechada

- (4) c- repolho, fedelho, cereja, desejo [\*E, \*i]  
d- novelo, colosso, fogoso, orelha [\*O, \*u]

Se observarmos, agora, os dados de (4e)

- (4) e- cocada, pedaço, melado, tomada [\*O,\*u,\*E.\*i]

podemos concluir, a partir de (4c) e (4e), que temos, no dialeto de Belo Horizonte, a neutralização das vogais média pretônicas em [e]/[o], como nos dialetos do Sul. Só não ocorrerá a neutralização nos casos como os de (4a) e (4b), onde um gatilho (i.e., a vogal tônica média aberta) dispara a Harmonia Vocálica. Temos, portanto, no dialeto de Belo Horizonte, dois processos diferentes: Neutralização das vogais médias pretônicas em [e]/[o] (v. (4c) e (4e)) e Harmonia vocálica (v. (4a) e (4b)).

Há, no entanto, um fato a ser notado aqui: se a vogal tônica tem o ponto de articulação diferente daquele da vogal média pretônica posterior, esta pode se realizar como vogal alta. Assim, ao lado de cOlÉgio podemos ter culÉgio, ao lado de cOlÉga podemos ter e culÉga. Os dados de (5) mostram casos semelhantes

- (5) mOdÉrno/mudÉrno  
 cOmÉrcio/cumÉrcio  
 cOlÉta/culÉta  
 cOlhÉr/culhÉr

Note-se que os dados de (5) mostram apenas os casos de vogais médias pretônicas posteriores. Nas anteriores a alternância permitida vai em outra direção, com bloqueio da pronúncia com vogal alta. Veja-se os dados de (6)

- (6) rElÓgio/relÓgio/\*rilÓgio  
 mEtÉÓro/meteÓro/\*mitiÓro  
 vElÓrio/velÓrio/\*vilÓrio  
 nEgÓcio/negÓcio/\*nigÓcio

Os dados de (5) apontam para um processo interno ao dialeto de Belo Horizonte, a Redução Vocálica, um processo que ainda está por ser inteiramente compreendido. Este processo se realiza, também, nos dados de (7) onde, em vez dos esperados [e]/[o] encontramos [i]/[u]:

- (7) a- s[i]mestre, p[i]queno, s[i]guinte, p[i]ruca  
 b- g[u]verno, t[u]mate, b[u]lacha, f[u]rmiga

Assim, pode-se dizer que o dialeto de Belo Horizonte se caracteriza por um processo de neutralização das vogais pretônicas médias em sua forma fechada (cf (4c-e)), processo esse que pode ser bloqueado se na sílaba tônica estiver presente uma vogal média aberta (cf. (4a) e (4b)), caso em que atua um processo de harmonia vocálica. Há, além disso, um processo de redução da vogal média pretônica em [i]/[u] (cf. (5) e (7)), processo esse que atinge parte do léxico.

O dialeto de Belo Horizonte parece ser um caso intermediário entre o dialeto do sul, com o qual compartilha a neutralização na forma de uma vogal pretônica média fechada, e o dialeto de Salvador, com o qual compartilha um processo de redução das vogais médias pretônicas. A questão que podemos nos colocar agora é a seguinte: como uma teoria fonológica daria conta dos dados do dialeto de Belo Horizonte? Ou, colocando a questão de outra forma, como uma teoria fonológica daria conta dos casos de variação lingüística intradialetal?

## 2 Variação na Teoria da Otimalidade

A Teoria da Otimalidade (OT, PRINCE & SMOLENSKY, 1993; MCCARTHY & PRINCE, 1995) propõe que a Gramática Universal é constituída pelo conjunto de restrições (*constraints*) universais, violáveis e hierárquicas (*ranked*) - a gramática de cada língua específica é definida pelas diferentes hierarquias (*ranking*) das restrições violáveis e gerais da OT.

Zubritskaya (1995, apud. HOLT, 1997), um dos primeiros trabalhos sobre a mudança lingüística na perspectiva da OT, sugere que a direção de mudança sonora é determinada pela hierarquização universal das restrições de marcação: de hierarquização marcada das restrições para hierarquização não-marcada das restrições. Em outras palavras a hierarquização marcada das restrições permite fazer previsões explícitas sobre a possível direção da mudança sonora. A autora sugere também que a opcionalidade na escolha do output pode ser modelada pela competição entre uma restrição e uma família de restrições.

Anttila (1997) mostra que a variação lingüística apresenta o ordenamento parcial das restrições, permitindo os tableaux múltiplos. Supõe-se que existem três restrições relevantes numa língua, onde a restrição A domina a restrição B e a restrição C e não há relação de

dominância entre a restrição B e a restrição C. Isso permite dois tableaux possíveis, permitindo dois candidatos ótimos, como representados nos tableaux abaixo.

(8)

	A	B	C
a. Candidato 1	*	*!	
b. Candidato 2	*		*

(9)

	A	C	B
a. Candidato 1	*		*
b. Candidato 2	*	*!	

Estes tableaux significam que existem duas dominâncias ( $B \gg C$  e  $C \gg B$ ) numa mesma gramática, o que nos permite descrever a variação lingüística. Por outro lado, McCarthy (2002) mostra que a variação lingüística pode ser resolvida num tableau simples.

(10)

	A	B	C
a. Candidato 1	*	*	
b. Candidato 2	*		*

O tableau (10) significa que a relação de dominância existe somente entre a restrição A e a restrição B e a restrição A e a restrição C, onde a restrição B e a restrição C possuem mesma importância na interação das restrições. Portanto, os dois candidatos são escolhidos como ótimos, de modo que não há violação crítica que determina um candidato ótimo – a importância da violação das restrições é igual para os dois candidatos.

Cho (1998, apud. MCCARTHY, 2002) mostra que a mudança lingüística passa por três etapas – na primeira etapa, a restrição A domina a restrição B ( $A \gg B$ ); na segunda etapa essa dominância é dissolvida ( $A:B$ ), criando-se a variação; por último, a restrição B domina a restrição A ( $B \gg A$ ), caracterizando-se a mudança.

Em relação à variação/mudança lingüística de uma língua, há divergências na sua interpretação em termos da interação de restrições da OT – ordenamento parcial das restrições (co-fonologia), não-dominância das restrições relevantes e promoção das restrições de baixo escalão ou demção das restrições de alto escalão na hierarquia.

### 3 Variação inter- e intradialetal no Português Brasileiro

Antes de entrar em discussão sobre a variação das vogais médias pretônicas do PB, é necessário levar em conta a tipologia da neutralização vocálica na literatura.

A neutralização vocálica é tratada como a fidelidade posicional na OT. (cf. MCCARTHY, 1999; BECKMAN, 1997). Para a neutralização vocálica do PB, assume-se a tipologia de contraste de altura em relação ao acento, proposto em McCarthy (1999).

## (11) Tipologia of Contraste de Altura

Ranking	Interpretation	Example
*MID >> IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT), IDENT(HEIGHT)	No mid vowels anywhere.	Arabic
IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT) >> *MID >> IDENT(HEIGHT)	Mid vowels only in stressed syllables.	Russian, Nancowry
IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT), IDENT(HEIGHT) >> *MID	Mid vowels in stressed and unstressed syllables.	Spanish

(Extracted from McCarthy, 1999)

Esta tipologia precisa ser adaptada para o PB, que possui contraste fonêmico na sílaba tônica entre as vogais médias altas e as vogais médias baixas, como o inventário do sistema vocálico do PB (12) demonstra:

## (12) Inventário do Sistema Vocálico do PB

		[-BK]	[+BK]	
[+HI]	[+ATR]	i	u	[-LO]
[-HI]	[+ATR]	e	o	
	[-ATR]	ɛ	ɔ	
	[-ATR]		a	
		[-RD]	[+RD]	

Isso significa que, além das restrições propostas na tipologia acima, as restrições relativas ao traço [ATR] são necessárias para dar conta do processo de neutralização no PB – no qual sete vogais reduzem para cinco vogais (ou mais) na posição pré-tônica e três vogais na posição pós-tônica. O contraste fonêmico na posição tônica pode ser explicado pela introdução de uma restrição de marcação, \*[-ATR, -LOW, -HI] (doravante, \*ɛ/ɔ)<sup>1</sup> que proíbe vogal média baixa na saída. Esta restrição interage com a restrição de fidelidade posicional IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR) que preserva os traços de [altura] e [ATR] na posição tônica das palavras.

A dominância de IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR) sobre \*ɛ/ɔ na hierarquia das restrições garante o contraste fonético de vogais médias no PB na sílaba tônica, conforme Lee (2002).

(13) IDENT<sub>STR</sub>(HEIGHT/ATR) >> \*ɛ/ɔ

ɔ	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR)	*ɛ/ɔ	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
a. ɔ		*		
b. u	*!		*	
c. o	*!			*

Quando o input é vogal média baixa, o candidato (13a) é escolhido como ótimo, embora ele viole a restrição de marcação que proíbe a realização fonética de vogal média baixa, ao passo que os candidatos de (13b) e (13c) violam a restrição de fidelidade posicional na sílaba tônica. O tableau (14) mostra o resultado obtido quando o input é vogal média alta:

<sup>1</sup> No dialeto do Norte, esta restrição de marcação muda para \*[+ATR, -Hi, -Low].

(14)

o	IDENT <sub>STR</sub> (HEIGHT/ATR)	*ε/ɔ	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
a. ɔ	*!	*		*
b. u	*!		*	
☞ c. o				

Como descrevemos na seção anterior, as vogais médias da sílaba pretônica se realizam de várias formas no PB. Nas subseções seguintes, pretendemos discutir as alternâncias de vogais médias na posição pretônica em três dialetos na perspectiva da OT.

### 3.1 Dialeto Paulista (Centro-Sul)

Diferentemente dos outros dialetos, as vogais médias pretônicas do dialeto paulista e do sul sofrem somente a neutralização vocálica – as sete vogais da sílaba tônica reduzem para cinco vogais na posição pretônica ([a, ε, e, i, o, ɔ, u] => [a, e, i, o, u]), como foi descrito em Câmara (1970).

A neutralização vocálica pode ser explicada pela dominância da restrição de marcação que proíbe as vogais médias na posição pretônica sobre as restrições de fidelidade que preserva altura e traços [ATR] do input.

(15) \*ε/ɔ >> IDENT(HEIGHT) >> IDENT (ATR) >> \*MID

/e/	*ε/ɔ	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)	*MID
☞ a. e			*	*
b. ε	*!			*
c. i		*!		

bEleza => beleza

O tableau (15) mostra que existe uma relação de dominância entre as restrições de fidelidade –o candidato (15a) é escolhido como ótimo apesar da violação da restrição IDENT (ATR), ao passo que a violação da restrição IDENT(HEIGHT) é mais crítica para o candidato (15c) na competição com o candidato ótimo. O candidato (15b) perde pela violação da restrição de marcação \*ε/ɔ. Além disso, a restrição de marcação fica na posição mais baixa na hierarquia das restrições, de modo que estes dialetos permitem as vogais médias na posição pretônica. Quando o input é vogal média alta, a hierarquia das restrições prevê (16a) como o candidato ótimo, apesar da violação da restrição \*MID.

(16)

/e/	*ε/ɔ	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)	*MID
☞ a. e				*
b. ε	*			*
c. i		*		

Em resumo, no dialeto paulista, o destino final das vogais médias pretônicas é determinado pela neutralização vocálica. (Neutralização >> Fidelidade >> Redução)

### 3.2 Dialeto de Salvador (Nordeste)

Como foi observado na seção 1, nos dialetos do nordeste as vogais médias são reduzidas na posição pós-tônica e pretônica: [a, ε, e, i, o, ɔ, u] => [a, i, u]. Este fenômeno é semelhante

aos casos do Russo, onde as vogais médias não ocorrem nas sílabas átonas. Em termos da OT, a restrição de marcação \*MID domina a restrição de fidelidade IDENT(HEIGHT) – as vogais médias são proibidas na forma fonética e modificam-se os traços dados no input para as vogais altas, como o tableau (17) mostra.

(17) \*MID >> IDENT(HEIGHT)

/o/	*MID	IDENT(HEIGHT)
☞ u		*
o	*	

O outro fenômeno que ocorre no dialeto nordestino é a neutralização vocálica – quando a redução vocálica não ocorre, as vogais médias se realizam foneticamente como as vogais médias baixas. Este fato pode ser explicado pela restrição de marcação \*[+ATR, -LOW, -Hi] (doravante, \*e/o) que proíbe as vogais médias altas na forma fonética: [ɛ, e, o, ɔ] => [ɛ, ɔ]. Esta restrição entra em conflito diretamente com a restrição de fidelidade IDENT (ATR), que preserva o traço [ATR] no input.

(18) \*[+ATR, -LOW, -Hi] >> IDENT (ATR)

/e/	*e/o	IDENT (ATR)
☞ a. ɛ		*
b. e	*!	

A dominância de restrição de marcação acima da restrição de fidelidade garante a forma fonética correta – o candidato (18b) viola a restrição de marcação que se localiza na posição alta na hierarquia das restrições e, portanto, o candidato (18a) é escolhido como ótimo, apesar da violação da restrição de fidelidade IDENT (ATR) que fica na posição mais baixa na hierarquia das restrições. Essa dominância, no entanto, é problemática, se a compararmos com um candidato de vogal reduzida (vogal alta), como o tableau (19) mostra:

(19)

/e/	*e/o	IDENT (ATR)	IDENT(HEIGHT)
a. ɛ ☺		*!	
b. e	*!		
☞ c. i ☹			*

☹ rípolho vs. ☺ rEpolho

No tableau (19), o candidato (19c) é escolhido como ótimo, pois este candidato satisfaz a restrição de marcação e a restrição de fidelidade, enquanto o candidato (19a) viola a restrição da fidelidade. A dominância de restrição de marcação \*e/o acima da restrição de fidelidade IDENT(HEIGHT) garante a forma fonética correta, de modo que este candidato viola a restrição de fidelidade IDENT(HEIGHT).

(20) \*e/o >> IDENT(HEIGHT) >> IDENT (ATR)

/e/	*e/o	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
☞ a. ɛ ☺			*
b. e	*!		
c. i		*!	

rEpolho, vErdura

Quando os dados apresentam alternâncias de [ɛ,ɔ] ~ [i, u], o que acontece na interação das restrições? Como se observou nos exemplos de (17) e (18), as restrições de marcação

relacionadas à neutralização e redução dominam a restrição de fidelidade IDENT(HEIGHT). A impossibilidade de vogal média alta permite a dominância da restrição de marcação \*e/o sobre a restrição de marcação \*MID e a dissolução da relação de dominância entre a restrição de marcação e a restrição de fidelidade pode resultar em dois candidatos ótimos, como o tableau (21) demonstra:

(21) culega ~ colega

/o/	*e/o	*MID	IDENT(HEIGHT)
☞ a. ɔ		*	
☞ b. u			*
c. o	*!		

Em resumo, no dialeto baiano, a neutralização vocálica (\*e/o) e a redução vocálica (\*MID) determinam as alternâncias de vogais médias pretônicas – as restrições de marcação dominam as restrições de fidelidade. (Neutralização >> Redução >> Fidelidade)

### 3.3 Dialeto de Fortaleza (Norte)

Diferentemente do dialeto baiano, nos dialetos de Alagoas e do Ceará, as alternâncias de vogais médias pretônicas são determinadas pela harmonia vocálica, além de neutralização vocálica(\*e/o), redução vocálica (\*MID). Os dados de (22) mostra que as vogais médias pretônicas assimilam o traço [ATR] da vogal média da sílaba tônica.

- (22) a. nOvEla, gOstOsa, pOtOca, pErErEca, cOlEgio  
 b. gostoso, cerveja, repolho

Este fato pode ser interpretado como uma restrição de marcação AGREE [ $\alpha$ ATR, -HI, -LOW] em termos da OT:

- (23) AGREE [ $\alpha$ ATR, -HI, -LOW]: os traços, ATR e ALTURA, da vogal média pretônica coincide com os traços, ATR e ALTURA, de vogal média da sílaba tônica.

A dominância da restrição AGREE [ $\alpha$ ATR, -HI, -LOW] (doravante, AGREE) sobre as restrições ligadas à neutralização vocálica e a redução vocálica garante a forma fonética correta nestes dialetos.

(24) AGREE >> \*e/o

/gostozo/	AGREE	*e/o	*MID	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
a. gOstozo	*!		*		*
☞ b. gostozo		*	*		
c. gustozo	*!				

O tableau (24) mostra que o candidato (24b) é escolhido como ótimo, embora viole a restrição de marcação \*e/o que obriga a neutralização vocálica.

No tableau (25), os candidatos de (25 a-b) violam a restrição de marcação, que é prioritária neste dialeto, enquanto o candidato ótimo satisfaz esta restrição, apesar da violação da restrição de marcação \*MID.



## (25) AGREE &gt;&gt; \*MID

/modErno/	AGREE	*e/o	*MID	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
a. modErno	*!	*	*		
☞ b. mOdErno			*		
c. mudErno	*!			*	

O tableau (26) mostra a interação das restrições no caso de redução vocálica.

## (26)

/Revista/	AGREE	*e/o	*MID	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
a. Revista		*!	*		
☞ b. Rivista☺				*	
c. REvista			*!		*

Em resumo, no dialeto de Fortaleza as alternâncias nas vogais médias pretônicas são determinadas pela interação das restrições ligadas à harmonia vocálica (AGREE), à neutralização vocálica (\*e/o) e à redução vocálica (\*MID) – Harmonia >> Neutralização >> Redução >> Fidelidade

### 3.4 Dialeto de Belo Horizonte (Centro-Sul)

No dialeto belo-horizontino, as vogais médias pretônicas se neutralizam nas vogais médias fechadas, como ocorre no dialeto paulista. A dominância da restrição de marcação \*e/o sobre a restrição de fidelidade IDENT (ATR) neutraliza as vogais médias baixas para as vogais médias altas na posição pretônica no dialeto mineiro, como o tableau (27) demonstra:

## (27) \*e/o &gt;&gt; IDENT(HEIGHT) &gt;&gt; IDENT (ATR)

ɔ	*e/o	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
ɔ	*!		
u		*!	
☞ o			*

Além disso, o tableau acima mostra que a restrição IDENT(HEIGHT) domina a restrição IDENT (ATR) para eliminar o candidato [u] como a saída ótima.

As vogais médias do dialeto belo-horizontino sofrem a harmonia vocálica de traço ATR, como ocorre no dialeto de Fortaleza – as vogais médias pretônicas assimilam os traços de ATR da vogal média tônica, como exemplificados em (4a) e (4b), repetidos aqui como (28):

(28) pErErÉca, mElÉca, rEmÉdio, rEmÉla, cOcÓta, fOfÓca, bOdÓque, mOtÓca, cOlÉga, cOlÉgio

A harmonia vocálica é explicada pela restrição de marcação AGREE, que obriga o traço de [ATR] da vogal média pretônica coincidir com o traço de [ATR] de vogal média tônica. Essa restrição entra em conflito com as restrições de fidelidade IDENT(HEIGHT), IDENT(ATR) que preservam os traços de [ATR] [HEIGHT] do input.

## (29a) AGREE &gt;&gt; IDENT(HEIGHT)

/kolEga/	AGREE	IDENT(HEIGHT)	IDENT(ATR)
☞ a. kOlEga			*
b. kolega	*!		

(29b)

/Repoʎo/	AGREE	IDENT(HEIGHT)	IDENT(ATR)
☞ a. Repoʎo			
b. REpoʎo	*!		*

Os tableaux de (29) mostram que os candidatos satisfazem a restrição de marcação relacionada à harmonia vocálica. Essa restrição de marcação AGREE, também, entra em conflito com a restrição de marcação \*ε/ɔ, que proíbe vogais médias abertas na posição pretônica, como foi mostrado em tableau (27).

(30)

/kolEga/	AGREE	IDENT(HEIGHT)	IDENT(ATR)	*ε/ɔ
☞ a. kOIeGa			*	*
b. kolega	*!			

O tableau (30) mostra que o candidato ótimo viola a restrição de marcação(\*ε/ɔ). A harmonia vocálica, portanto, é prioritária em relação à neutralização vocálica neste dialeto – a dominância da restrição de marcação AGREE sobre a restrição de marcação \*ε/ɔ garante o candidato (31a) como ótimo:

(31) AGREE >> \*ε/ɔ

/kolEga/	AGREE	*ε/ɔ	IDENT(HEIGHT)	IDENT(ATR)
☞ kOIeGa		*		*
Kolega	*!			

Há, também, os casos de redução vocálica no dialeto mineiro, nos quais as vogais médias pretônicas realizam-se como vogais altas, como foi observado no dialeto nordestino. A dominância da restrição \*MID sobre a restrição IDENT(HEIGHT) na hierarquia resulta em vogal alta na saída.

(32)\*MID >> IDENT(HEIGHT)

/e/	*MID	IDENT(HEIGHT)
ε	*!	*
E	*!	
☞ i		*

p[i]queno

No entanto, a redução vocálica não é o processo dominante. Isso resulta na alternância [e, o] ~ [i, u] na posição pretônica, na forma fonética. Os dados de variação podem ser obtidos pela não-dominância entre essas restrições, como o tableau (33) demonstra:

(33)

/o/	*MID	IDENT(HEIGHT)
ɔ	*	*!
☞ o	*	
☞ u		*

pomada ~ pumada

tomate ~ tumate

Como foi observado na seção 1, há alternâncias de [O ~ u] no dialeto mineiro, conforme nos dados de (5), repetidos em (34):

- (34) mOdÉrno/mudÉrno  
 cOmÉrcio/cumÉrcio  
 cOlÉta/culÉta  
 cOlhér/culhÉR

Essa alternância é motivada pela harmonia vocálica e a redução vocálica? Qual é a relação entre a harmonia vocálica e a redução vocálica? Considere-se o tableau (35)

(35)

/modErno/	*MID	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)	AGREE	*ε/ɔ
a. modErno	*!	*	*	*	
b. mOdErno☺	*!				*
c. ☞ mudErno		*		*	

O tableau (35) mostra que o candidato (34b), que se sujeita à harmonia vocálica, não é escolhido como o candidato ótimo, caso a redução vocálica prevaleça no dialeto de Belo Horizonte. Para que se obtenham os dois candidatos como ótimos, as restrições ligadas à harmônica vocálica, à neutralização e à redução vocálica entram em conflito.

(36) AGREE >>> \*MID

/modErno/	AGREE	*ε/ɔ	*MID	IDENT(HEIGHT)	IDENT (ATR)
a. modErno	*!		*	*	*
☞ b. mOdErno		*	*		
c. mudErno☺	*!			*	

O tableau (36) mostra que, no dialeto mineiro, o candidato relacionado à harmonia vocálica é prioritário em relação ao candidato dado pela neutralização, como no tableau (31), e a dominância da restrição sobre a restrição relacionada à harmonia vocálica garante o candidato (36b), como ótimo, embora este candidato viole as restrições de marcação relacionadas à neutralização vocálica e à redução vocálica. No entanto, essa dominância elimina o candidato (36b) como ótimo pela violação da restrição de marcação AGREE. Portanto, para obter os dois candidatos como ótimos a harmonia vocálica e a redução vocálica devem ser prioritárias, desprezando-se a neutralização vocálica: AGREE, \*MID >>> \*ε/ɔ. E, finalmente, a dissolução da relação de dominância entre \*ε/ɔ e IDENT(HEIGHT) mostra a interação entre as restrições relacionadas à harmonia vocálica, à neutralização vocálica e à redução vocálica, como demonstra o tableau (37):

(37)

/modErno/	AGREE	*MID	*ε/ɔ	IDENT(HEIGHT)
a. modErno	*	*!		*
☞ b. mOdErno☺		*	*	
☞ c. mudErno	*			*

Embora os dados de (34) nos pareçam mais naturais conforme expostos, não descartamos a possibilidade de serem realizados com timbre fechado nas pretônicas. Note-se que os dados de (34) mostram apenas os casos de vogais médias pretônicas posteriores. Nas

anteriores a alternância permitida vai em outra direção, com bloqueio da pronúncia com vogal alta. Veja-se os dados de (6), repetidos em (38)

- (38) rElÓgio/relÓgio/\*rilÓgio  
 mEtEÓro/meteÓro/\*mitiÓro  
 vElÓrio/velÓrio/\*vilÓrio  
 nEgÓcio/negÓcio/\*nigÓcio

Ao contrário das alternâncias vogais médias posteriores, as vogais médias anteriores não sofrem a redução vocálica e sim a neutralização vocálica e a harmonia vocálica. Portanto, a preservação de altura é prioritária apesar das mudanças de ATR.

(39) IDENT(HEIGHT) >> AGREE, \*ε/ɔ >> \*MID

/RelOgio/	IDENT(HEIGHT)	AGREE	*ε/ɔ	*MID
a. RiOgio	*!	*		
☞ b. REiOgio			*	*
☞ c. RelOgio☺		*		*

O tableau (39) mostra que existe a promoção da restrição de fidelidade: Marcação >> fidelidade --> Fidelidade >> Marcação. Este resultado mostra alguma semelhança entre o dialeto mineiro e o dialeto paulista, embora haja diferença em relação à harmonia vocálica. Note-se que no dialeto paulista a neutralização vocálica e a preservação de altura são prioritárias.

Em resumo, as alternâncias de vogais médias pretônicas do dialeto mineiro são uma das mais complexas e compartilham as propriedades encontradas nos outros dialetos.

Em relação aos dados de variação, as alternâncias são motivadas pelo dialeto do Norte (Redução vocálica) e pelo dialeto paulista (Neutralização Vocálica).

As alternâncias de vogais médias pretônicas discutidas nesta seção podem ser resumidas da tabela (40):

(40)

	Paulista	Mineiro	Alagoas, Ceará	Baiano
Marcação	*ε/ɔ	*ε/ɔ	*e/o	*e/o
Harmonia vocálica (AGREE)	N/A	Aplica	Aplica	N/A
Redução Vocálica (*MID)	N/A	A (parcial)	A	A
Variação	N/A	S (gatilho: redução, neutralização)	S (gatilho: redução)	??
	Neutralização >> Fidelidade >> Redução	Harmonia >> Neutralização >> Redução >> Fidelidade	Harmonia >> Neutralização >> Redução >> Fidelidade	Neutralização >> Redução >> Fidelidade

A tabela (40) mostra que os 4 dialetos compartilham as restrições relativas a alternâncias de vogais médias do PB e cada dialeto estabelece hierarquia das restrições para obter a forma fonética correta.

#### 4 Conclusão

Pôde-se perceber, na análise dos casos apresentados, que a variação interdialetoal pode ser relativamente bem descrita pela Teoria da Otimalidade: as mudanças lingüísticas que criaram as grandes fronteiras dialetais podem ser concebidas como alterações nas hierarquias entre as restrições ou através da utilização de conjuntos diferentes de restrições. Contudo, a variação intradialetal ainda se configura como um problema mais recalcitrante. O caso do dialeto de Belo Horizonte, já abordado em vários estudos (Viegas, 1987 e 2001; Oliveira, 1991, 1992, 1995) é particularmente complexo. A presença de pares como

[u]	[o]
porção (muitas)	porção (uma certa quantidade)
folhinha (calendário)	folhinha (folha pequena)
fogão (eletrodoméstico)	fogão (fogo grande)
preciso (adjetivo)	preciso (verbo)
tomate	tomada
borracha	borrada
chocalho	chocado

e de casos como *boletim*, que admitem variação (b[u]l[i]tim ~ b[o]l[e]tim) sugerem que algumas palavras estão migrando ou já migraram de uma classe de palavras em / o / para uma classe de palavras em / u /. O caso de *boletim* é um exemplo de migração ainda não completada para todos os falantes, configurando-se, pois, como um caso de variação; já os casos de *tomate*, *borracha* e *chocalho*, entre inúmeros outros, exemplificam as migrações já completadas na comunidade de fala; casos como *tomada*, *borrada* e *chocado* exemplificam a ausência de migração da classe de palavras em / o / para a classe de palavras em / u /. Os casos de fogão, folhinha, preciso e porção são mais interessantes ainda pois mostram a migração associada a uma especialização semântica, o que se configura como uma das maneiras de se resolver um caso de variação. Em última análise, para casos como estes teríamos que ter um tableau para cada palavra ou conjunto de palavras (que formariam uma classe), o que certamente nos remeteria a uma posição difusionista para o tratamento da variação e mudança. Este é, no entanto, um assunto para outro trabalho.

#### 5 Referências Bibliográficas

- Antilla, Arto .1997. Derivin Variation from grammar. In: Variation, Change, and Phonoloogical Theory, ed. frans Hinskens, roeland van Hout, and W. Leo Wetzels, pp. 35-68. amsterdam: John Benjamins.
- Beckman, Jill. 1997. *Positional Faithfulness*. Doctoral dissertation, University of Massachusetts, Amherst.
- Câmara Jr, J. M. 1970. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- Cho, Young-Mee Yu .1998. Language change as Reranking of Constraints. In historical Linguistics 1995, vol. 2, ed. Richard M. Hogg and Linda van Bergen, pp. 45-62. Amsterdam and Philadelphia:John Benjamins.
- Holt, David Eric .1997. The Role of the Listener in the Historical phonology of Spanish and Portuguese: an Optimality Theoric Account. Ph. D, dissertation. Georgetown University.

- Lee, S.-H. .2002. Vowel Coalescence in Brazilian Portuguese. in the Proceedings of the 2002 LSK International Summer Conference. pp. 417-425.
- McCarthy, J. .1999. Introductory OT on CD-ROM. Version 1.0. GLSA. Amherst.
- McCarthy, J. 2002. A Thematic Guide to Optimality Theory. Cambridge University Press. Cambridge.
- McCarthy, J. & A. Prince .1995. Faithfulness and reduplicative identity in Prosodic Morphology. in Beckman, Dickey & Urbanczyk, eds., Papers in Optimality Theory. Amherst, MA: GLSA. pp. 249-384.
- Prince, A. & Smolensky .1993. Optimality Theory: constraints Interaction in Generative Grammar. Report No. RuCCS-TR-54, New Burnswick, NJ: Rutgers University Center for Cognitive Science.
- Oliveira, M.A. 1991. The neogrammarian controversy revisited. International Journal of the Sociology of Language 89: 93-105, Berlin.
- Oliveira, M. A. 1992. Aspectos da difusão lexical. Revista de Estudos da Linguagem 1: 31-41, Belo Horizonte, FALE/UFMG.
- Oliveira, M. A. 1995. O léxico como controlador de mudanças sonoras. Revista de Estudos da Linguagem 4(1): 75-91, Belo Horizonte, FALE/UFMG.
- Teyssier, P. 1984. História da Língua Portuguesa. Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa.
- Viegas, M. C. 1987. Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolingüística. Dissertação de mestrado, 231 p., Belo Horizonte, FALE/UFMG.
- Viegas, M. C. 2001. O alçamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais. Tese de doutorado, Belo Horizonte, FALE/UFMG.
- Zubritskaya, Katya. 1995. Markedness and sound change in OT. In Proceeding of the North East Linguistic Society 25, ed. Jill Beckman, pp. 249-64. Amherst, MA:GLSA.